



# Ensaio sobre Ser Angolano

| Tema: [Ensaaios](#) | Autor: [Carla Marisa Rodrigues](#) |

---

O tema lançado a concurso pelo Ufolo – Centro de Estudos para a Boa Governação – prende-se com a seguinte interrogação: O Que é Ser Angolano?

Naturalmente, toda a pergunta desafia a resposta. Tentar dar essa resposta, através de um texto opinativo e, quem sabe, impressionista, sobre quais são os “vínculos da pertença à identidade e à cultura angolanas”, constitui o meu objetivo, se dispuser de “engenho e arte” para tal.

A partir da definição de dois termos – angolanidade e identidade – que considero basilares para pensar o mote apresentado, discorrerei brevemente sobre os respetivos conceitos e tentarei lançar uma breve reflexão, sem ter, naturalmente, a pretensão de esgotar tão complexo assunto. Seguidamente, tentarei, a partir dos pressupostos enunciados, “pintar”, na tela que é este papel, um “quadro” com pinceladas impregnadas, aqui e ali, das minhas perceções, sentimentos e representações. Dizendo por outras palavras: comporei, com palavras, cenários imagéticos, que representam aquilo que hoje experimento e que continua a constituir a minha essência intocada, a identidade do meu *eu*, o meu estado, aquele estado que nunca mudou, que me manteve sempre igual e que me permitiu reconhecer-me sempre como um ser desta Terra que é a minha. Finalmente, apresentarei uma breve conclusão.

Segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa*<sup>1</sup>, a angolanidade, no âmbito do domínio científico da Etnologia, é o “conjunto dos caracteres e das maneiras de pensar, de sentir e de se exprimir, próprios dos Angolanos”.

O vocábulo angolanidade é relativamente recente no devir histórico, tendo sido criado pelos intelectuais angolanos, por volta de meados do século XX, como forma de realçar as

---

<sup>1</sup> In *Dicionário da Língua Portuguesa* (2012). Porto: Porto Editora.

singulares características culturais existentes em Angola. Esses intelectuais angolanos, tal como outros intelectuais de outros países africanos, foram beber os ensinamentos ideológoculturais à filosofia e ao movimento cultural (no início, fundamentalmente literário) da

---

*Negritude*<sup>2</sup>, palavra criada por Aimé Césaire<sup>3</sup> em 1939, cujo conceito multifacetado e dinâmico teve um carácter marcadamente ideológico e cultural, de rompimento com os valores da cultura racional europeia em contraponto com a afirmação e orgulho nos valores africanos de natureza emotiva<sup>4</sup>. O termo angolanidade tem aí as suas raízes históricas, não obstante, ter ganhado, ao longo do tempo, outros sentidos, com relevância para as questões de natureza política (área ligada ao pan-africanismo de Du Bois (1868-1963), vinculadas à militância de luta pela emancipação política contra a ordem colonial, e, também, económica, sendo a sua lucubração, ainda hoje, causadora de debate.

Por sua vez, o conceito de identidade tem origem na filosofia e na palavra latina *identitas, -ātis*<sup>5</sup>, significando aquilo que é diferente dos demais, porém idêntico a si mesmo, podendo o seu significado variar consoante os diferentes domínios científicos em que é utilizado, mas sempre enformando a ideia de dignidade humana. Abordarei, neste texto, o conceito de identidade, ligado apenas à Psicologia e à etimologia, significando, respetivamente “a característica do que permanece igual a si próprio” e “a característica do que é semelhante ou igual”.

Comumente, como sabemos, múltiplos e variados são os elementos que constroem a identidade de qualquer ser humano ou de uma comunidade. Desde logo, a latitude do lugar, as características do território, com a sua singular geomorfologia e clima, depois, a diversidade de elementos étnicos ou linguísticos ou, em sentido mais amplo, a diversidade de elementos culturais, baseada sobretudo nas componentes histórica, linguística e psicológica. Fruto de todos esses elementos que interagem no processo de criação de uma identidade coletiva ou de

---

<sup>2</sup> In *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001:2600, Tomo V), significando o “sentimento de orgulho racial e conscientização do valor e riqueza cultural dos negros”.

<sup>3</sup> O termo negritude surgiu, pela primeira vez, no poema intitulado *Cahier d'un Retour au Pays Natal*, da autoria do antilhano Aimé Césaire.

<sup>4</sup> Conceito essencialista usado por um outro vulto do movimento da Negritude, o poeta senegalês Léopold Sédar Senghor, quando enunciou a célebre frase: “a emoção é negra como a razão é grega”.

<sup>5</sup> In *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001:2019, Vol.II). Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

peessoas singulares, nascer na China ou num país do Norte da Europa e ser chinês ou nórdico, não é a mesma coisa. E, claro, não me estou a referir aos traços fisionómicos! É que, a par da personalidade que cada indivíduo possui, a cultura comum de natureza emotiva, fundada, no caso dos angolanos, nos valores africanos – de vida, de emoção e de amor – e adquirida no decurso do processo de socialização, tem, necessariamente, influência na conduta social, nos

---

gestos, na forma de se posicionar, de pensar, de falar, de rir, de olhar, de abraçar..., características essas, pessoais, sociais e culturais, que nos permitem reconhecer algumas especificidades da angolidade. Mas, fundamental, deve ser o entendimento de que essas particularidades não são um fim em si mesmo, mas um meio para construir uma sociedade, cuja etapa última de realização humana deixe de ser perpassada pela cor da pele e passe a ser marcada pela melhoria da qualidade de vida do povo angolano.

Que raízes moldam, então, a identidade angolana, isto é, quais são as dimensões do *eu* angolano(a)?

Por um lado, a construção da identidade angolana pode fazer-se, com base no *Ius soli*<sup>6</sup> que se socorre, vulgarmente, da história, da geografia, da biologia, das memórias pessoais e coletivas, das fantasias pessoais, ou seja, da diversidade a nível espaço-sociocultural, por conta de uma multiplicidade étnico-cultural existente no território, nomeadamente, a origem em diferentes grupos étnicos, as distintas línguas ou dialetos falados, os diversos costumes, hábitos e tradições. Por outro lado, mas não menos importante, a construção da identidade pode ser fundada com base no *De Jure*<sup>7</sup> que dá forma ao reconhecimento, quer na esfera íntima quer na esfera pública, na medida em que a identidade é moldada pelo reconhecimento ou pela ausência dele. Isto é, três devem ser as dimensões a considerar no processo identitário: a histórica, que é objetiva; o processo de autoconstituição, que é subjetivo; e o encontro com o outro (por exemplo, a aceitação pelo Estado), com carácter intersubjetivo.

Vejamos, a diversidade espacial prende-se com a ampla noção de espaço em que o angolano vive, por força da imensa plataforma territorial, quase quadrangular, com cerca de mil duzentos e setenta e sete quilómetros de comprimento, no sentido Norte/Sul, e mil duzentos e trinta e seis quilómetros de largura, no sentido Leste/Oeste, assim como com a imensa diversidade geomorfológica que todo o seu território comporta, que vai desde a planície costeira (a zona sedimentar, onde se encontram praias e bastantes restingas, cuja formação tem

---

<sup>6</sup> *Jus soli* ou *Ius soli*, expressão latina, que significa literalmente “Direito de solo”.

<sup>7</sup> *De Jure* ou *De Jure*, expressão latina, que significa “Pela Lei”, “Pelo Direito”.

por base a Corrente Fria de Benguela, que corre de Sul para Norte e arrasta os aluviões depositados na foz dos principais rios) e as respetivas zonas de transição (com área de montanha, sempre paralelas ao Atlântico), passando pelos planaltos, separados entre si pelos grandes rios (área conhecida como Zona Maciça ou Maciço Antigo), até às regiões desérticas.

Por sua vez, a diversidade sociocultural permite reforçar o conceito de angolanidade, na medida em que se consegue reconhecer na diversidade étnica as diferenças socioculturais

---

tradicionais existentes<sup>8</sup>, a começar nos múltiplos dialetos e línguas nacionais, com reflexos diretos nas estórias, na música e na dança, passando por aquilo a que chamo os dez produtos alimentares de “cesta básica” de cada Província, isto é, os produtos mais comuns consumidos em cada uma das Províncias, continuando pelo figurino e pelos adornos indumentários/moda e terminando na forma e nos materiais de construção das habitações tradicionais, nos meios de existência e, também, nos modos de vida familiar e de organização social tradicionais.

Em consequência, a angolanidade não existe no singular e, por isso, o angolano aprende cedo a importância do respeito por todos esses plurais elementos culturais que proliferam no território. E é a cultura, enquanto “software da mente”, como a denominou o psicólogo holandês Geert Hofstede (1928-2020), que age no “terreno” fértil de auto-constituição, numa dimensão subjetiva, e de encontro com o outro, numa dimensão intersubjetiva.

E é nesta última dimensão que muitas vezes se coloca um problema.

Como se é visto pelo Outro/pelo Estado?

O filósofo e sociólogo alemão Habermas (1988:147), no seu tratado sobre a democracia deliberativa, intitulado *Teoria da Ação Comunicativa*, afirma:

---

<sup>8</sup> De acordo com o sociólogo angolano Vítor Kajibanga, o território de Angola acomoda três grandes espaços socioculturais. A saber: “o espaço sociocultural Khoisan ou hotentote-bochimanés constituído com alguns povos com características fisiológicas e culturais peculiares, dentre eles os mais expressivos encontram-se os Kung, Kede, Bochimanés e os Kazama. Na faixa sul e sudeste de Angola encontra-se o espaço sociocultural Vatwa ou pré-bantu constituído pelos povos Cuissis e Cuepes e o terceiro que é constituído pelos povos de matriz sociocultural Bantu, dentre os quais se destacam Ovimbundu, Ambundu, Bakongo, Lunda-Tucokwe, Nganguela, Ovambo, Nyaneca, Humbe, Helelo, Axindonga e Luba”.

(...) a autoidentificação é, [...] em certa medida, condição para que [uma] pessoa possa ser identificada genericamente e numericamente pelas demais.<sup>9</sup>

Isto é, na prática, a identidade é gerada a partir de uma dialética, por vezes, silenciosa e, até, inconsciente, mas sem dúvida importante, entre o indivíduo e a sociedade, num processo que envolve o subjetivo (a identificação própria) e o intersubjetivo (a identificação reconhecida pelos outros).

Por seu lado, o filósofo contemporâneo Taylor (1995:242)<sup>10</sup>, quando descreve a história da “identidade moderna”, teoriza sobre as políticas do reconhecimento e a tripla natureza das

---

fontes morais, das fontes do *self* – a interiorização, a afirmação da vida ordinária, a voz da natureza –, argumentando com assaz pertinência que o reconhecimento de uma nacionalidade não pode ser vista como “uma mera cortesia que devemos conceder às pessoas. É uma necessidade humana vital”.

De facto, uma identidade, para além de constituir um direito humano, é algo que não se dá nem se atribui, é algo intrínseco a cada um de nós, “uma necessidade humana vital”!

No contexto do explanado, penso poder, hoje, afirmar, com toda a segurança, que a naturalidade de origem, associada à naturalidade dos progenitores e às vivências, constituem uma marca basilar, genuína, não sendo passível de ser apagada por nada, nem por ninguém. Por essa razão, de nada serve ao Estado, mesmo à custa da criação e da aplicação cega de leis arbitrárias e discriminatórias, como a atual Lei da Nacionalidade, dificultar, ou impedir, a atribuição da identidade nacional aos naturais de Angola! Quando essa situação ocorre, o Estado patenteia injustiça e discriminação, na medida em que impossibilita a plenitude do Ser, negando-lhe aquela categoria que é central para o existencialismo – a constituição da identidade. Mais, o Estado mostra não compreender que a identidade, esse traço que distingue um alguém de outro alguém, em vez de ser um motivo de rutura, é um fator de evolução e um cimento que confere consistência efetiva aos diversos elementos atrás mencionados, assim como possibilita a consciência num conjunto coerente de ideais, de direitos e de deveres, que orientam, de modo implícito ou explícito, a conduta dos cidadãos, permitindo, simultaneamente, encontrar o fio

---

<sup>9</sup> HABERMA, S., Jürgen (1988). *Teoria de la acción comunicativa, II*. Madrid: Taurus. (Tradução minha).<sup>10</sup> TAYLOR, Charles (1995). *Sources of the self: The Making of the Modern Identity*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

condutor de ligação ao passado e o sentimento de continuidade, criando uma verdadeira consciência nacional, tão necessária a esta nossa Angola!

Deste modo, percebemos que a dimensão intersubjetiva apenas depende da política de reconhecimento adotada e da lei aplicada.

Na minha opinião, não é na unicidade dos reconhecidos elementos identitários – a Língua oficial, a História, o Hino, os símbolos e os seus significados – que se alicerça o sentimento de angolanidade, mas sim no nó górdio que congregue a assunção de toda a diversidade multicultural existente no território atrás referenciada e o efeito proporcionado pela tridimensionalidade aludida.

Ora bem, sendo eu, hoje, fruto do meu passado e tendo vivido algumas décadas aprisionada à saudade da minha terra distante, desaire a que fui obrigada, mas que me permitiu,

---

penso eu, conseguir precisar as raízes que me moldam a identidade, raízes essas que me possibilitaram manter fiel a mim mesma, tendo, ao longo do tempo, recusado, veementemente, o corte dos laços com tudo o que verdadeiramente tem importância para mim... afinal, que consciência tenho de mim própria?

Revelarei de seguida a resposta a essa pergunta, com base nas minhas vivências e impressões sensoriais, que figuram a temporalidade da minha existência e da minha identidade. À maneira impressionista, procurarei identificar as minhas singularidades, enquanto natural de Angola. Isto é, pincelarei um texto com as impressões<sup>10</sup> provocadas pelo objeto, que é Angola, no sujeito, que sou eu, tentando dizer o quanto gosto de ti – Angola!

Ai quem me dera... conseguir expressar as impressões, as emoções e os sentimentos, que em mim despertas, Angola!

Quem me dera a mim... poder ir sempre onde o meu passado mora, sem necessitar de um visto, com prazo de validade – percorrer paisagens imensas, contemplar a imponente beleza da natureza, ouvir a cadência do som do mar, apanhar o cacimbo na cabeça, sentir o vento leste abrasar o meu corpo...

---

<sup>10</sup> Impressão, no sentido do efeito sobre os meus sentidos.

A minha angolanidade cintila:

na planura e na quietude da savana e na imensidão dos planaltos, que me  
conseguem transmitir tranquilidade  
e me conferem uma preferência pelos grandes espaços, contribuindo para  
a minha compreensão de intemporalidade;

nas  
cores da terra,

que concorrem para a minha preferência estética pelas cores quentes;

nos céus estrelados em noites quentes,  
nas noites mornas de luas cheias, noites silenciosas..., que  
clamam por solidão, exacerbando a infinitude do meu Ser;

na vida no mato  
que me deu saberes e competências e me ensinou a respeitar o silêncio e  
a ter paciência  
e, também, coragem;

---

no cheiro da terra molhada, depois das grandes chuvadas,  
que em mim provoca a sensação de total frescura;

na imagem, vista do ar, do serpenteado e da foz dos rios angolanos,  
sobretudo em situação de cheias, cuja exuberância me extasia;

na beleza do pôr do sol, quando o horizonte é o mar ou a savana, que em  
mim desperta um mágico encantamento;

na visão e na audição do mar, a enrolar incessantemente na areia, morno  
e com um ritmo vibrante,  
que consegue sempre arrasar qualquer tristeza em mim instalada e  
também me faz adormecer;

na carícia do sol quente e muito quente,  
que me concede resistência física ao calor e uma enorme dependência  
física e psíquica desse astro Rei;

nos coqueiros a gingar e nas palmeiras ao luar, que me  
anunciam uma enorme e natural tranquilidade;

na visão dos mamoeiros carregadinhos,  
que me dá a certeza de que é possível conciliar, simultaneamente, a  
fragilidade e a resistência;

na jingubinha, bem torrada, ao fim da tarde, acompanhada de uma cuca  
preta, em amena cavaqueira com os amigos, que me delicia  
(e acredito faz as delícias de qualquer um de nós!);

na beleza dos dendéns maduros, todos juntinhos em cacho, agarrados à  
copa das palmeiras,  
que se mantiveram o meu tema de desenho preferido;

nos odores intensíssimos das goiabeiras,  
das plantações de cana sacarina e  
da terra poeirenta impregnada do perfume inconfundível do sisal, que em  
mim se entranharam,  
fazendo, incontornavelmente, parte da minha identidade;

na sensação, de puro prazer, de conduzir em estradas  
de terra batida e em picadas, tentando manter o  
capim entre o rodado...;

na visão de diferentes e poderosas manadas da nossa fauna,  
que marcam indelevelmente o fluxo da minha memória;

nas grandes baías e nas praias requentadas  
(algumas delas com palmeiras e casuarinas),  
que me proporcionam bem-estar e me dão um sentimento de felicidade e  
de pertencer a um meio que é meu;

nos sabores, óoh... os sabores: da doce fruta-pinha, do macio abacate, do  
ácido e suculento sape-sape, da frágil pitanguinha, da acidez do loengo, da  
pasta carnuda agridoce do maboque, do dulcíssimo abacaxi, da  
maçaroca assada, da delicada carambola, da humidade do coco fresco, da



múcua acre, sobretudo quando temos a garganta seca, da kissângua  
fresquinha... sabores,  
que fazem sempre crescer água na minha boca;  
no ritmo selvagem do batuque e no som e calor da rebita,  
plenos de uma singular harmonia,  
que me fazem vibrar e me dão uma enorme energia interior;  
na poesia produzida, expressa nas canções,  
cujas temáticas vão desde acontecimentos do dia a dia, como  
nascimentos, casamentos, cerimónias de iniciação e de caça,  
até aos cânticos relacionados com o trabalho, a mãe-natureza e a  
feitiçaria, dizia eu, essa poesia feita mais para ser cantada que para ser  
lida, é sempre música para os meus ouvidos;  
na vivência da guerra,  
que fortaleceu a minha capacidade de ser resiliente e me conferiu  
um temperamento um tanto ou quanto guerreiro, não me deixando  
acreditar no desastre até que ele se manifeste;  
na audição do Angola Avante,  
que faz emergir de dentro de mim um profundo e arrepiante sentimento  
de pertença ao chão que piso ...

A minha angolanidade canta:

Uma noite inteira  
Canta a rubra acácia  
Uma canção ligeira  
Do seu primeiro amor!  
Quem me dera a mim que tu  
Angola sejas eternamente a  
minha flor!

Pois é, tudo isso é meu e orgulha-me!!

Relembrando os conceitos apresentados e as diversidades expostas, que interagem na construção da identidade, posso concluir que, apesar da dimensão intersubjetiva implicar na constituição do subjetivo, este último aspeto tem um extraordinário peso no sentimento de identidade, na medida em que não se nasce angolano por se querer, tal como não se escolhe nascer negroide ou caucasiano: nasce-se e é-se angolano e é-se angolano para toda a vida, em função de uma existência incorporada em múltiplos contextos culturais, que subjazem às variadas diversidades enunciadas e ao genuíno sentimento de pertença à Terra, independentemente do local (Província) onde se nasceu, do tom de pele, do estatuto sociopolítico, da condição económica e/ou académica... e, tudo isso, na linha do pensamento de Agostinho Neto e da popular frase, que lhe deu sentido e corpo:

*De Cabinda ao Cunene, um só Povo, uma só Nação.*

**Acácia Rubra**